

CAMINHOS DA LUSOFONIA: O RESGATE HISTÓRICO-CULTURAL DE MACAU NO ROMANCE DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

Néstor Raúl González Gutiérrez

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

E-mail: gonzalez2n@gmail.com

Resumo

O presente artigo objetiva analisar e indagar a reconstrução histórico-cultural de Macau no romance *A trança feiticeira* de Henrique de Senna Fernandes refletindo sobre a literatura pós-colonial e o encontro entre o oriente e o ocidente como forma de ressignificação social e cultural na península de Macau, ressaltando os processos de resistência, hibridismo e alteridade nas manifestações sociais e linguísticas. Discutem-se questões religiosas, linguísticas e comportamentais dos nativos budistas e os colonizadores católicos que dialogam em um espaço geográfico da China peninsular. Analisa as relações de tensão e de convivência entre duas culturas diversas que convergem na construção identitária do atual Macau. O trabalho foi dividido em três tópicos, começando pela contextualização dos caminhos da lusofonia como resgate histórico da chegada dos portugueses em Macau, seguida de uma breve biografia e contextualização do autor e da obra, finalizando com a reflexão da consolidação de Macau.

Palavras-Chaves: Reconstrução Histórico-Cultural; Literatura de Macau; Henrique de Senna Fernandes.

Introdução

Pensar na literatura de Macau como cenário geográfico de transformações sócio culturais permite as reflexões históricas que transcrevem os processos de encontro entre duas nações com línguas e costumes diferenciados que convergem no interesse econômico e comercial entre China e Portugal.

Pensar-se-ia que a história de Macau começa a ser escrita na chegada dos portugueses à península em 1513 (CANIATO, 2005), quando os navios da Coroa Portuguesa partiram da Índia e chegaram na Ásia na busca de rotas de comércio entre as nações banhadas pelo mar da China meridional, transcrevendo literaturas de exploração e descrição das expedições e terras colonizadas realizadas em

narrativas de Ultramar e de exploração. Uma narração descritiva e testemunha das ações feitas pelos exploradores em prol de levar novos conhecimentos além das fronteiras terrestres e marítimas à Coroa Portuguesa do século XVI.

Refletir sobre o conceito de navegação, como processo de descobrimento e de procura pela mudança, permite construir novas rotas cognitivas que garantem a transformação de saberes e conhecimentos que nutrem a construção de identidade dos colonizadores e colonizados, fazendo dessa ação um processo de reciprocidade e alteridade transfigurada em hibridismo e colonização. Como afirma Jackson:

As viagens alternaram fronteiras físicas e geográficas, indo os viajantes portugueses, literal e metaforicamente, para além de si mesmos, em direção a um estado de alteridade: lá os códigos culturais a que deram corpo, tão distantes de suas narrativas e origens simbólicas, adquiriram novos significados, quer na África, na Ásia ou nas Américas. As viagens portuguesas, tanto no plano interior como exterior, tanto na profundidade como na superfície, resultaram numa reinvenção de ser português (JACKSON, 1998 *apud* SIMAS, 2007: 24).

Nesse processo de narração descritiva, encontra-se a monografia escrita entre 1630 e 1636 por Fr. Paulo da Trindade, intitulada de *Conquista Espiritual do Oriente*, conservada durante muito tempo na Biblioteca Vaticana. Dela surgiram escritos como *O Vergel de plantas e de Flores da Província da Mãe de Deus dos Capuchos da Índia Oriental* (1690), escrita por Fr. Jacinto de Deus; *Ásia Sílica e Japónica* (1745), por Fr. José de Jesus Maria na qual descreve as primeiras explorações dos portugueses nos mares da China (AZEVEDO, 1984).

A história que antecede, parece ser simplificada na migração forçada das guerras e colonizações ao interior do continente na mobilização de chineses em busca de recursos marítimos para garantir a subsistência.

Seguindo esse raciocínio, a história de Macau é contada após o século XVI, quando em 1520 surgiram hostilidades e ataques aos navios chineses por parte dos portugueses com o objetivo de consolidar um porto mercantil estratégico capaz de oferecer facilidades de acesso entre o Japão, Singapura e Filipinas. Posteriormente os portugueses legitimaram seu poder nos primeiros contatos comerciais com o

Japão em 1540, estabelecendo “novas feitorias nas ilhas de Sanchuang e Lampacau” (CANIATO, 2005: 112).

As intenções financeiras de Portugal garantiram a estabilidade comercial na Ásia, fixando seu império lusitano em 1557. Momento transgressor nas tensões políticas entre China e Japão, que os portugueses aproveitaram para transitar entre duas nações conflitantes, passando algumas vezes como comerciantes e outras como fortes ameaças. Em palavras de Caniato (2005: 114):

Nos anos 70 do século XVI como já existisse uma povoação, os chineses temerosos de que os portugueses saqueassem o continente, construíram uma muralha ao Norte, com acessão ao continente pela Porta do Cerco, aberta duas vezes por mês, e posteriormente todos os dias para que fossem fornecidos produtos alimentícios e outros bens. E o mercado acabou por fixar-se entre as duas comunidades.

O território se consolidou como um próspero porto de fornecimento de produtos comerciais às nações, sendo um ponto geográfico neutro entre as tensões asiáticas de colonização e conquista de territórios. Situação que originou o encontro entre Oriente e Ocidente, entre costumes europeus com as tradições asiáticas.

Embora o espaço geográfico pertencesse até a chegada dos portugueses à China Continental, o nome dado legitima as tradições do Oriente. Acredita-se que o nome *Macau* deriva-se de *A-má*, o primeiro como prefixo utilizado pelos chineses antes dos nomes e *Má* possivelmente correspondem à mãe (媽媽) em chinês - mandarim, relacionada “com a deusa protetora dos marítimos venerada pelos chineses no tempo *Má-kok-Miu*, isto é o Pagode da barra para os portugueses” (CANIATO, p 115). No dialeto cantonês, falado em Macau, é conhecida essa deusa como *A- Ma Gao*. Imagem representativa que carrega consigo o hibridismo cultural entre a fé cristã do oriente e a tradição asiática, pois sabendo dos pensamentos budistas, maoístas, confucionistas, entre outras que existem na China, a Deusa representa a imagem de Maria, Mãe de Jesus (*Madonna*) com rasgos e vestimentas chinesas. Um símbolo do poderio católico sobre a fé oriental.

As primeiras manifestações de literatura em português remetem ao início do século XIX, na sequência da revolução liberal de 1820, quando a imprensa, como tradição jornalística cumprira a função de defender e debater as diversas posições políticas no território, concebendo uma tradição ensaística que se preserva até hoje. Muitos dos precursores foram exploradores, professores, e estudiosos da cultura local que passaram por Macau e contribuíram com a publicação de textos nos jornais impressos. Manuel da Silva Mendes e José Silveira Machado são as figuras mais emblemáticas desta tendência no século XX (BROOKSHAW, 2010: 20).

Em 1887, com a celebração do Tratado de Amizade e Comércio entre a China e Portugal permitira a esse último a perpétua ocupação do território de Macau, deixando dúvidas sobre a soberania da península. A razão foi esclarecida em 1987, quando se determina que a China retomasse o exercício de soberania de Macau em 20 de dezembro de 1999. “Em conformidade com o princípio de *um país, dois sistemas*, pelo art. 31 da Constituição da RPC, Macau foi erigido em Região Administrativa Especial da República Popular da China” (CANIATO, 2005: 115).

Com o intuito de preservar as tradições culturais, educativas, científicas e tecnológicas, a Região Administrativa Especial direciona o processo de proteção ao patrimônio histórico e cultural do Território. Em 1989, objetivando conservar a língua portuguesa em detrimento do uso do Chinês- Mandarim¹, falado na maioria das cidades da China Continental, e do dialeto Cantonês e Patoá², falado por alguns moradores da península cria-se o Instituto Português do Oriente (IPOR). “São seus fundadores *O Território de Macau; o Instituto Camões e a Fundação Oriente*” (CANIATO, 2005: 116).

¹ Embora na China Continental exista mais de 50 grupos étnico-linguísticos, o Chinês - Mandarim conhecido como 普通话(Pǔtōnghuà, literalmente “dialeto comum”) foi escolhido como dialeto maioritário, falado no norte e sudoeste da China, de unificação nacional. Em algumas literaturas é nomeado como 国语(Guóyǔ) “língua nacional”. Em estudos linguísticos é convencional encontrar a designação de 汉语(Hànyǔ), “língua de ‘Han’” (relacionada à Dinastia Han) e/ou 中文(Zhōngwén) (Língua escrita Chinesa) como família linguística pertencente ao tronco sino-tibetano, que utiliza o sistema de transliteração ao alfabeto latino ou “romanização” que responde ao sistema Wade-Guiles conhecido como *pinyin*.

² Após a fixação dos portugueses no território a língua local sofreu mudanças fonéticas, morfológicas e sintáticas, dando como resultado desse hibridismo o dialeto Patoá que tem relação com os dialetos de Malaca pelo grande número de escravos provenientes de Malásia que serviam às famílias macaenses (CANIATO, 2005). Em francês, o termo *Patois* remete a um dialeto de uso rústico sem *status* de língua.

Macau se converte em um espaço transitável, inicialmente por expedicionários marinhos e militares portugueses, que na atualidade se estende a imigrantes asiáticos, europeus e de outras nacionalidades que veem na Península um porto fronteiriço entre Hong – Kong, Japão, Filipinas, Vietnam, Singapura; ou como ingresso à China Continental, uma vez que, “se aceitamos, portanto, que a literatura de Macau pode incluir toda a gama de escrita, temos também de considerar [...] a questão fundamental da língua e da origem dos autores” (BROOKSHAW, 2010: 20). O encontro entre duas tradições e culturas, europeia e chinesa, comporta tensões sociais, mas que convergem na alteridade e enriquecimento mútuo. Em palavras de Sampaio:

Macau é testemunho privilegiado da coexistência, nem sempre pacífica, de duas comunidades que, neste lugar, foram deixando, ao longo dos séculos marcas culturais próprias, produto e circunstâncias de passados distintos e diferenciados. Ao desvendarmos o passado desta cidade, tomamos consciência de que aqui se cumpriram pedaços de história de dois mundos geograficamente afastados um do outro: o do povo português e do extremo ocidental no extremo oriental da Ásia (SAMPAIO 1999 *apud* SIMAS 2007: 58).

Percebe-se que falar da literatura de Macau é, antes de todo, identificar processos de poli-hibridismo (AMARO *apud* CANIATO, 2005) e transculturação (PIRES, 1998) que consolidam narrativas de encontro entre várias culturas.

Direito cultural e construção histórico-ficcional de Macau

“O mesmo pároco benzeu a casa, a pedido de Adozindo e rezou pela felicidade daquela família. Ao mesmo tempo, no quintal, a Abelha-mestra, budista convicta e desconfiada dos ritos estrangeiros, queimava incensos e papéis votivos para a manutenção do bom “feng-shui”. Com o beneplácito de duas religiões, auguravam-se a paz e prosperidade daquela habitação” (FERNANDES, 2009).

Falar no romance produzido pelo escritor macaense, Henrique de Senna Fernandes, como narração histórica, permite resgatar acontecimentos que influenciaram os aspectos culturais e linguísticos de Macau, evidenciados na

narrativa em prosa, como eixo norteador e exaltante das vicissitudes e dos confrontos oriundos das guerras e das colonizações na península.

A ficção, por sua vez, permite a consolidação de narrações que abrangem as pretensões do autor, e os fatores e acontecimentos a serem apresentados e divulgados aos leitores, fazendo do primeiro, um agente ativo no processo de investigação e compilação de momentos marcantes na história para contemplá-los como eventualidades dialogantes entre o espaço literário e sua influência na consolidação e agir das personagens, atuando várias vezes como um sujeito historiador. Fleck (2005: 225-226), usando essa aproximação entre o romancista histórico e historiador, salienta que:

Há grande semelhança entre a tarefa do historiador e do romancista histórico na recuperação dos fatos e personagens do passado, uma vez que a matéria que utilizam – embora de maneiras diferenciadas –, são os feitos que aí se produziram e que geraram consequências que se estendem até nossos dias. Suas investigações podem levá-los a visões diferentes, mas ambos procuram refletir sobre a natureza do homem, sobre o passado que o conduziu ao nosso presente. Por mais distintas que sejam as suas interpretações, os dois acabam produzindo a narração de uma história, uma reconstrução do passado que não está alicerçada somente nas fontes históricas, mas também no modo subjetivo de selecionar e ordenar as informações adotadas tanto pelo historiador como pelo romancista.

Portanto, é importante identificar não somente a trajetória do fato histórico, mas as particularidades discursivas na forma de retratar as experiências do escritor sobre o acontecimento histórico que narra. Desse modo, o escritor, além do resgate memorialístico, permite uma interpretação das ações do passado, que, no seu desejo de preservar eventos que consolidam o presente, cria impasses acrônicos entre estes os dois com a intenção de tecer um futuro mais reflexivo e crítico conhecedor da sua história e, conseqüentemente, da nação. Fleck (2005: 226) menciona que:

O historiador age com rigor científico: parte do fato, dos documentos e registros que nos são apresentados através da leitura daquilo que já existia, ou seja, ele constrói sua narrativa histórica sob a forma de

“versão”. Embora esta possa ser cientificamente comprovada, ela é uma “representação do real”, ou seja, a reconfiguração histórica do passado é, em última instância, a interpretação daquilo que o historiador entende que tenha ocorrido. O romancista, ainda que utilize as mesmas fontes que o historiador, reproduz este passado com liberdade e imaginação, pelo emprego da subjetividade, tanto a sua quanto a dos personagens que recria, não tendo que ocultar tal procedimento, pois seu discurso acena para aquilo que, nestas circunstâncias e diante de evidências expostas nas fontes, poderia ter ocorrido.

O romance *A trança Feiticeira* (1993), daqui em diante identificado como (TF), narra a história de Adozindo, um jovem descendente de família afortunada que se apaixona por A-Leng, uma humilde aguadeira da cidade, que simbolizam a união da fé católica e budista e os conflitos surgidos entre duas culturas dialogantes, demonstrando “a contribuição de ambas as culturas para Macau, tornando-o uma ponte entre Ocidente e Oriente” (BROOKSHAW, 2010: 120).

Remetendo ao leitor num espaço ficcional de 1932, Henrique de Senna Fernandes consegue plasmar na sua obra diversos pontos de exaltação de Macau, que, por meio da narração permitem a identificação de fatores históricos relacionados com as tensões e conflitos no porto, as rotas de navegação, o advento das guerras sino-japonesas, a posição social dos nativos nesse período; os contatos entre povos linguísticos que consolidaram relações interculturais, e finalmente, o contato entre os discursos religiosos vigentes em Macau.

Usando a descrição como recurso narrativo, o narrador admite desvelar integralmente uma fidelidade fotográfica que permite ao leitor visualizar espaços de interação entre a realidade e ficção. Esta estratégia é evidenciada no romance como forma de exaltação das características específicas de Macau quando menciona o seguinte:

Descobria-se um pedaço de mar da Praia Grande. O farol da Guia piscava, volteando os seus raios de luz. O hospital de S. Rafael mergulhava em silêncio, mas na rua soavam já os pregões dos vendedores ambulantes. As palmeiras da casa e as frondes dos quintais adjacentes rumorejavam, à brisa suave de outono (...). A tarde límpida e dourada já ia alta, e o sol pairava em cima da lomba da ilha da Lapa. O farolim da pedra de Areca já pestanejava. A ilha de Taipa era uma mole verde, toda tristonha e sem vida. O ferry de

Hong Kong aproximava-se da curva da Barra. O mar lodoso reverberava de palhetas purpúreas. (TF, 69 - 86).

Usando a descrição do espaço geográfico, o leitor consegue identificar os momentos históricos que foram protagonizados na península, assim como nas suas aproximações, sugerindo também os enfrentamentos entre Japão e China, a colonização britânica em Hong Kong e a guerra do ópio entre estas duas nações, enunciadas a partir das notas de navegação:

Numa ponte-cais do Porto Interior, pertencente a uma companhia de navegação chinesa, havia a necessidade de alguém para fiscalizar a entrada e saída das mercadorias e que pudesse tratar com as autoridades portuárias, falando a língua, sobre o embarque e desembarque das mesmas, removendo as dificuldades e entraves burocráticos (...) Além de um proecto e diminuto cargueiro que fazia viagens no triângulo de Macau – Hong Kong – Cantão eram pertença da frota da companhia duas embarcações à vela, adstritas à navegação para os portos ribeirinhos do delta do Rio das Pérolas. (TF, 119 – 133).

Por sua vez, a narrativa permite uma aproximação do leitor ao pensamento angustiante e especulativo dos moradores da Península, quando se prognostica o começo da guerra sino-japonesa e anglo-chinesa, descrevendo a Macau como um território intermediário entre nações de conflito econômico e político:

-Macau é uma terra sossegada. Ninguém fará mal a uma rapariga do povo como ela.
- Na china há uma guerra cada vez mais violenta. Muita gente advéncia tem atravessado as Portas do Cerco.
-Boatos. A China é muito grande, e a guerra está muito longe. É no Norte e em Xangai. Não chega tão depressa até nós, embora certamente iremos sofrer com as consequências. O arroz já encareceu no mercado. Obras de especuladores.
- Em Hong Kong, começaram distúrbios...
-É somente contra a comunidade japonesa. É natural, os ânimos estão exaltados contra as barbaridades. Aqui em Macau não há japoneses. (TF, 137).

A aproximação ficcional à realidade faz do romance um texto denunciante dos acontecimentos históricos, trazendo comparações e semelhanças através da

narrativa da explosão do Paiol militar no dia 13 de agosto de 1931, conforme o arquivo histórico de Macau³ descreve:

Em 13 de Agosto de 1931, explodiu o paiol militar situado na Fonte de Inveja, causando 41 mortos, nos quais 7 foram crianças, e danificando um grande número de casas nos locais próximos, incluindo a casa que Sun Fo tinha construído para a sua mãe. A explosão causou uma perda económica no valor de 400,000.00 dólares de Hong Kong para os proprietários e habitantes dos locais adjacentes.

No romance, o narrador elucida a explosão ocorrida com o protagonista, mas não apresenta detalhes do ocorrido nos próximos capítulos. Um exemplo que coloca o leitor como observador e partícipe do acontecimento a partir de uma focalização externa, que capturam a atenção para, junto com o narrador, desvendar as respostas e saber a origem e as consequências do infortúnio.

Às cinco e quarenta e cinco da manhã do fatídico dia 13 de Agosto de 1931, no fim de uma aurorar radiosa, uma horrenda explosão abalou a cidade toda, de lés a lés. Portas e janelas escancaram-se violentamente com a deslocação do ar, acompanhada da estridência de vidros desfeitos em fanicos cortantes. A população espavorida e tomada de pânico veio inteira para as ruas, em trajes menores ou com aqueles que tinha à mão. Cruzavam-se gritos e exclamações incoerentes. Ninguém sabia o que passava. Não tardou, porém, que a notícia se propagasse célere. O paiol da Guia, no sopé da Colina, perto da Fonte da Solidão, fora pelos ares. Havia mortos e feridos e o risco aterrorizante de novas explosões (...). Viveu-se um dia de terror, a população aguardando por novas explosões, sob o calor de um sol rechinante e odioso. Mortos, onze portugueses, contando com a sentinela africana do paiol, completamente pulverizada, chineses, cinquenta e dois. Feridos, oficialmente uma centena e tal, mas houve muitos mais que foram tratados em casa e não deram notícia. Um desastre e um luto que a cidade jamais conhecera. (TF, 47- 48).

Tratando-se de uma narração histórica, o escritor amalgama em forma de relatos as eventualidades no continente asiático, as guerras no mar japonês e as

³ Arquivo Histórico de Macau. Disponível em <http://www.archives.gov.mo/pt/featured/detail.aspx?id=106>. Acesso 24 Jul.2015

fortes tensões entre Japão e Estados Unidos, assim como os problemas políticos entre os países do continente europeu, anunciando as guerras mundiais.

A guerra europeia, a caminho de dois anos completos, alastrara-se para a Rússia e para o Norte de África. No oriente, o Japão endurecia as suas relações com os Estados Unidos da América e falava-se da inevitabilidade de um conflito no Pacífico (...). O primeiro grande golpe nos rendimentos da agência foi à segunda guerra sino-japonesa de 1937, uma guerra não declarada a prolongar-se, sem fim nem solução. A conquista pelo Japão dos principais portos da China atingira consideravelmente a navegação mercantil nessa área geográfica. Tirando Hong Kong, o Mar da China era praticamente japonês. Depois surgira a guerra na Europa, primeiro bem localizada, mas logo a converter-se em um conflito mundial. (...) Nesse verão de 1941, no Extremo – Oriente, nuvens bélicas acumulavam no horizonte, cada vez mais ameaçadoras. O Japão reagira contra as sanções impostas, falando de grosso com os Estados Unidos da América e com a Inglaterra. AS relações entre esse países caminhavam para uma trágica ruptura. O Pacífico prometia também embeber-se em sangue (TF, 216 -218).

A reflexão da realidade permite uma evocação de acontecimentos históricos e simbólicos que remetem à interpretação de espaços que evocam as consequências das guerras e o desejo de destruição e colonização que ocasionaram várias mortes e tingiram os mares de sangue.

A focalização não reside apenas nas personagens, mas também na descrição dos cenários e dos fatos históricos, que consolidam uma configuração de nação híbrida, intercultural e plurilinguística criando macro espaços que interagem com o leitor, fornecendo-lhe informações detalhadas e descritivas da cidade de Macau.

A comunicabilidade e interação entre povos com costumes e hábitos culturais divergentes permitira o contato entre línguas de origens distantes. Os encontros entre o Oriente e Ocidente por meio da comunicação são percebidos na narrativa como pontos de articulação entre códigos linguísticos misturados e criolizados que consolidaram o Patoá como língua de herança, transmitida e divulgada na Península como marcas identitárias que consolidam traços étnicos e culturais dos grupos linguísticos que dialogam entre si.

Sobretudo, um grupo de chachas-velhas⁴ que, por entre o boquizar de orações, comentava:

-Sang obra di amuirona abusadera di Cheok Chai Um! Ferá chá di niu-niong-pó. Eloutro ficâ ôlo torto, vanguardado.

-Qui saião! Certo sang bagate... Coitado di Beba qui tanto lágri já chorá

- Eu dizê bem fêto! Chubi chubi rabo-sarangong virá rabo capido!⁵
(TF, 150)

Nesse raciocínio, o Patoá como língua de herança evidencia uma construção identitária dos grupos linguísticos que, no encontro entre o Chinês e o Português como línguas em contato, produzira uma língua híbrida com características e rasgos linguísticos dessa dicotomia entre Oriente e Ocidente. Um aprendizado da língua do outro para garantir a integração de povos distantes como representação da alteridade e do trabalho concomitante entre comunidades dialogantes da Península.

O processo de aprendizado da língua do outro é idealiza no contato linguístico e nas estratégias de abstração cognitiva propostas por Vygostky (2003) como atividade social de desenvolvimento de capacidades mentais através da interação com o outro, evidenciado em A-Leng e seus filhos quando se menciona que:

Assumiu, então, a única atitude prática. Aprender as palavras da língua estrangeira. Perguntava o que era isto e aquilo, pronunciava soletrando, em seguida, vezes sem conta. A memória prodigiosa ajudava-a imenso, retinha com facilidade, pedia que a corrigissem se errasse, nunca se sentindo embaraçada (...). Achinesava os sons portugueses, por incapacidade de emití-los sem sotaque, e, entre o marido e mulher, os vocábulos portugueses misturavam-se com os chineses, sem esforço, inconscientemente. Mas Adozindo dirigia-se aos filhos exclusivamente em português, para eles se habituarem, desde pequeninos, a conhecer a língua do pai. A mãe, por sua vez, ia-lhes introduzindo naturalmente ao chinês, porque queria que eles soubessem bem sua língua. Um dos divertimentos do casal era mostrar os objetos aos garotos e obrigá-los a identificá-los em cada língua, Deste modo os quatro aprendiam, ao mesmo tempo. (TF, 173).

⁴ Mulheres Idosas (FERNANDES, 2009).

⁵ -Isto é obra de menina descarada de Cheok Chai Um. Deu-lhe um chá de feitiçaria. E ele ficou vesgo, tonto.

- Que pena! Foi feitiço de certeza... Coitada de Beba que tanta lágrima chorou.

- Eu digo que foi bem feito. Tanto beliscou a amante que ficou com o rabo entalado. (FERNANDES, 2009).

Desse modo, as personagens do romance evidenciam os contatos diretos produzidos pelos moradores da Península no processo de mudanças e de enfrentamentos sociais que consolidaram o hibridismo cultural e os possíveis pontos de intersecção entre os costumes católicos e sino-budistas, possibilitando processos de identificação e aproximação inconsciente de aprendizagem e aquisição de hábitos do outro como resposta ao contato natural de duas realidades miscigenadas por meio da junção afetiva entre Adozindo e A-Leng.

Adaptaram-se um ao outro, com cedências mutuas, única forma de convivência e harmonia (...). Ao fim e ao cabo, havia uma plataforma de entendimento de parte a parte, alcançada não por imposição ou por brutalidade, mas por meio da paciência e da lenta persuasão que amolecia o contendor. Por serem de origem e formação bem diferentes, surgiram descobertas e desconsertos que tornavam o cotidiano amiúde esplendidamente interessante (TF, 178).

A relação interpessoal garante a aquisição de novas percepções do mundo, oportunizando reflexões sobre o encontro transnacional não conflitivas, que tecem aproximações culturais e modificações silenciosas e descontraídas de costumes, capazes de amortecer tensões e conflitos, diminuindo comportamentos de imposição e obrigação, e também, permitindo uma modificabilidade social, cultural e cognitiva como mecanismo de ressignificação das singularidades.

A unificação das culturas de oriente e ocidente simbolizadas por Adozindo e A-leng apresentam-se numa narrativa ficcional que exterioriza uma consolidação de ações vivenciadas pelas nações da península de Macau, exaltando os conflitos e os acordos criados pelos moradores para garantir um convívio menos conflitivo entre Portugal e China. Uma exemplificação que perdura até os dias de hoje como resultado do aprendizado constante da cultura do outro, da alteridade e do respeito do outro. Na narrativa pode-se observar esse processo de identificação de si e do outro quando se menciona:

Imagina tu que já não posso arrotar depois da refeição. Que há de mal num arrote? Ele significa que estamos repletos, satisfeitos, que a comida é boa. É uma homenagem até ao anfitrião, ao cozinheiro. Mas para os “kuais”, é malcriação. Não é uma gente muito peculiar?

Aprendi a beber café um bocado de vinho e comer pão com manteiga. Há uma coisa, no entanto, que não admito. Beber chá com açúcar (...).

Com ela, por sua vez, abraçou Adozindo o hábito do banho, antes de se deitar. Eram usos e costumes de duas culturas que se misturavam, sem imposição, como se fossem a coisa mais natural deste mundo. (TF, 156-168).

O romance ressalta fatores culturais na configuração de um Macau construído após a invasão portuguesa. Uma obra que permite ao leitor identificar características culturais, linguísticas e sociais no surgimento de um território lusitano acentuado no oriente.

Considerações finais

A reivindicação de direitos culturais e históricos por meio das narrativas de Henrique de Senna Fernandes consolida resgates literários que retratam uma ambientação ficcional de Macau do século XX, permitindo a construção de identidades linguísticas, políticas e sociais do espaço lusitano na Oriente, pois o narrador descreve no romance cenários que dialogam com os acontecimentos das guerras sino-japonesas.

As personagens simbolizam o processo de hibridismo que tecem reflexões linguísticas e culturais na reivindicação de espaços e direitos culturais no encontro entre a cultura do Oriente e do Ocidente, sendo fatores dialogantes até os tempos atuais, na procura de espaços literários e políticos da manutenção da Língua Portuguesa no continente asiático.

A literatura permite consolidar traços identitários no resgate sociocultural de uma memória histórica, permitindo tecer interpretações subjetivas da conformação de pensamentos locais, pois, através do ato de escrever, as personagens e a narrativa constroem cenários ficcionais que retratam uma realidade vivenciada exteriorizadas no enredo e na trama da narração.

Referências

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.5, n.1, p. 115-129, 2017.

AZEVEDO, R. *A influência da cultura portuguesa em Macau*. Lisboa. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Amadora. 1984.

BROOKSHAW, D. *A escrita em Macau: uma literatura de circunstâncias ou a circunstâncias de uma literatura*. In: *Macau na escrita, Escritas de Macau*. Farmalício. Editorial Húmus. 2010.

CANIATO, B. *Percursos pela África e por Macau*. Cotía: Editora Ateliê, 2005.

FERNANDES, H. *A trança feiticeira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Gryphus, Lisboa, 2009.

FLECK, F. O romance histórico: processo de leituras cruzadas. In: *Anais do VI Seminário das linguagens*. Unioeste. Cascavel: Edunioeste, 2006.

PIRES, B. *Os extremos conciliam-se: Transculturação em Macau*. Macau. Instituto Cultural de Macau, 1998.

SIMAS, M. Identidades e memória no espaço literário de língua portuguesa em Macau. In: *Oriente, engenho e Arte*. São Paulo: Alameda, 2004 p. 137 – 189.

VYGOTSKY, L. *Psicologia Pedagógica*. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

The paths of Lusophone: The Historical-cultural reconstruction of Macau in Henrique de Senna Fernandes novel.

Abstract:

This article aims to analyze and reflect the historical-cultural reconstruction of Macao in *A trança feiticeira* novel by Henrique de Senna Fernandes, reflecting about a post-colonial literature and the meeting between East and West as a way to social and cultural reaffirm in Macao Peninsula. This article reflects the resistance process, hybridism and otherness in social and linguistic manifestations. It discusses about religious, linguistic and behavioral issues of Buddhist natives and Catholicism settler that shared a specific place of China peninsular. It analyzes the relationship of tension and harmony between two diverse cultures that converge in the identity construction of the current Macao. The article was divided into three topics, beginning with the contextualization Lusophone paths as historic construction of the arrival to Portuguese colonies in Macao. It followed with a brief biography and contextualization of author and his novel, ending with the reflection of Macao consolidation.

Key-Words: Historical-Cultural reconstruction. Literature of Macao. Henrique de Senna Fernandes.